



**Crátilo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários (ISSN 1984-0705)**  
Patos de Minas: UNIPAM (2): 76-87, nov. 2009

---

# Uma análise crítico-literária do episódio de Inês de Castro

**Juliana Aparecida Dumont Pereira**

Graduada em Letras, UNIPAM. e-mail: julianadumont@yahoo.com.br

Orientação: Prof. Moacir Manoel Felisbino, UNIPAM.

---

**Resumo:** No presente trabalho procurar-se-á relacionar diversos textos literários que explorem a temática do amor ilícito entre D. Pedro de Portugal e Inês de Castro, em suas variações de estilos e momentos literários distintos. Não se pretende provar o que de fato é história e o que é mito, já que o episódio encontra-se impregnado de momentos em que o mito assume ares de fato. Pretende-se, portanto, discorrer acerca das diversas formas com que é relatada a história, ou o mito do amor e morte de uma mulher que, por seus encantos, teve uma desgraçada e, talvez, imerecida ruína. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa crítico-bibliográfica de cunho histórico-literário, a partir de compilados de diversos autores em diferentes momentos literários, pretendendo demonstrar as várias leituras de um mesmo fato, dando-se ênfase, no entanto, à caracterização e leitura que o tema recebeu em cada momento da história da literatura portuguesa.

**Palavras-chave:** 1. Literatura e história. 2. releitura. 3. intertextualidade. 4. Inês de Castro

---

## 1. Considerações iniciais

Quando se faz um estudo mais aprofundado sobre a história das manifestações artísticas no ocidente, verifica-se que, em todas as épocas, um número significativo de artistas tomam fatos, eventos, momentos e figuras da história como eixo ou pano de fundo para suas criações.

Na história da literatura portuguesa essa retomada da história por poetas, escritores e dramaturgos pode ser constatada em todas as escolas literárias, desde o advento das cantigas trovadorescas até os dias atuais. Todavia, há um fato da história de Portugal que tem sido tema recorrente de vários autores portugueses ao longo dos séculos. Trata-se do trágico episódio em torno do caso de amor e morte de Inês de Castro, a malfadada amante de D. Pedro, de Portugal. Este tema é de fundamental importância na recriação literária,

uma vez que a lendária amante de D. Pedro serviu de musa inspiradora a poetas e de inspiração a dramaturgos e prosadores em todo o mundo. Sendo uma das principais temáticas exploradas pela literatura portuguesa, ao lado do tema das grandes navegações, a história de Inês de Castro e D. Pedro tem sido contada ao longo dos séculos pelos mais ilustres historiadores e escritores de Portugal e do mundo.

## **2. Inês de Castro: uma história trágica**

O enredo inicia-se em 1340, em Lisboa, quando recebem a benção nupcial o Príncipe D. Pedro e D. Constança, concretizando um casamento de conveniência que objetivava acalmar a exaltação dos monarcas D. Afonso IV, então rei de Portugal, e D. Afonso XI, rei de Castela, que viviam em constante estado de guerrilha mútua.

O séquito numeroso de D. Constança, conforme costume da época, incluía como dama de companhia D. Inês de Castro, filha bastarda do poderoso fidalgo castelhano D. Pedro Fernandez de Castro com a portuguesa Aldonza Suárez de Valladares. Inês, apelidada pelos poetas de “colo de garça” por sua beleza, atrai o impetuoso e independente D. Pedro, que apaixonado passa a tê-la como sua alma gêmea e por ela despreza as convenções cortesãs e desafia a tudo e a todos.

Em 1345, morre D. Constança, deixando dois filhos: a infanta D. Maria e o infante D. Fernando, futuro sucessor de D. Pedro no trono de Portugal. O infante D. Luís, afillhado de Inês de Castro, morre com poucos meses de vida.

Após a morte de D. Constança, o Infante assumiu diante de toda a corte a ligação existente entre ele e Inês de Castro, indo morar com a mesma no Paço da rainha, em Santa Clara, Coimbra, depois de terem habitado noutros locais. Nem mesmo a tentativa de D. Afonso IV em separar o casal, exilando Inês de Castro no castelo de Albuquerque, na Estremadura espanhola, dera resultado.

A Corte, que entretanto se instalara na cidade do Mondego, via a relação amorosa de D. Pedro e Inês de Castro com desagrado. Esta relação era entendida como indecorosa, pelos inúmeros problemas religiosos e morais que criava, e uma verdadeira afronta ao reino, uma vez que esta ligação incitava o perigo ao reino em virtude da influência dos Castros. As especulações acerca dos amorosos que surgiram no reino obrigaram o monarca a tomar uma atitude. Assim, era traçado o futuro de Inês, que vivia despreocupada e feliz ao lado de D. Pedro às margens bucólicas do Mondego. Nesse cenário, Inês tivera o seu futuro cruelmente traçado.

Obrigado a tomar uma atitude que protegesse o seu reino, D. Afonso IV, apesar de hesitante, compreendia que havia razões que o impeliam a tomar uma decisão. Assim, é chegada a hora do veredicto. O conselho reúne-se em Montemor-o-Velho a fim de analisar a melhor atitude a ser tomada. Na reunião, dentre os conselheiros, encontravam-se Diogo Lopes Pacheco, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves. Então, em um julgamento em que o réu não se fizera presente, o rei decide pela execução de Inês de Castro.

Em 07 de janeiro de 1355, em uma fria e nublada manhã, em que o infante D. Pedro se encontrava em uma de suas habituais caçadas, o executor régio adentrou no paço e decapitou “aquela que depois de morta foi rainha”.

D. Pedro, quando informado do ocorrido, foi tomado por indignação e tristeza. Dois anos passados desde a lamentável execução de Inês, D. Pedro, agora com a idade de 37 anos, ascendeu ao trono e tomou este como o momento de vingar a morte de sua amada.

Devido à acirrada perseguição que move contra os responsáveis pela morte de Inês, passa a história como “o Cru” e “O Justiceiro”. Traíndo o juramento que fizera a seu pai, que lhe rogara complacência, troca prisioneiros políticos castelhanos por dois dos conselheiros responsáveis pelo veredicto de Inês, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, que se encontravam refugiados em Castela. Diogo Pacheco, afortunadamente, se salva ao ser avisado por um mendigo a quem dava esmolas de que seria preso. Foge então para Aragão e de lá para a França.

Pero Coelho, a quem mandou trazer sal e alho para o tempero, tirou-lhe o coração pelo peito e a Álvaro Gonçalves pelas espáduas, já que os considerou homens sem coração.

Após sua vingança, D. Pedro providencia a transladação do corpo de Inês da modesta campa em Coimbra a um delicado túmulo lavrado que o infante mandou colocar no Mosteiro de Alcobaça. O féretro teve um traslado honrado e majestoso. O caixão que saiu de Santa Clara foi transportado por cavaleiros e seguido por fidalgos, clero, donzelas e pela população. No decorrer do trajeto foram dispostos círios, de maneira que o corpo de Inês estava sempre entre os círios acessos. Ao chegar ao Mosteiro foram celebradas missas e outras cerimônias. Em meio a uma grande solenidade, o caixão de Inês foi depositado em seu monumento tumular.

Em seguida, D. Pedro mandou providenciar outra arca tumular semelhante à de sua amada. Ordenou que os mesmos fossem dispostos um de frente ao outro, para que, como reza a lenda, no dia do juízo final, quando se levantarem de seus túmulos, Inês e Pedro sejam os primeiros a se verem. Assim, repousam juntos até os dias atuais os eternos enamorados que seguem unidos por um amor sem fim.

A fim de dignificar a memória de sua amada, D. Pedro afirmara que se casara com Inês de Castro sete anos antes às escondidas, em Bragança, apresentando para tanto os testemunhos de D. Gil, bispo da Guarda, e Estevão Lobato, seu criado.

### **3. Vingança e glorificação de Inês de Castro**

Fernão Lopes, um dos principais cronistas portugueses, senão o mais insigne de todos, deu-nos a conhecer uma nova concepção da história, marcada sobretudo pela imparcialidade, na constituição de uma franca e profunda renovação da cultura portuguesa, caracterizada fundamentalmente pelo processo de humanização.

Dedicado à investigação da história do reino, seu principal fundamento é a busca pela verdade, a partir de um estilo de expressão oral e de raiz popular, bem como de sua

linguagem que, apesar de muito arcaica, é bastante transparente e incisiva, brotando naturalmente como em uma simples conversa, o que torna o discurso extremamente claro. Suas linhas não expressam a formosura das palavras, mas a nudez da verdade.

Assim, Fernão Lopes de forma tão singular narra o episódio da troca de prisioneiros castelhanos pelos conselheiros portugueses responsáveis pelo assassinato de Inês de Castro. Nesta narrativa, seus personagens são caracterizados física e psicologicamente de maneira bastante direta tornando-os naturalmente complexos e com vida própria, revelando-se em seus atos, na medida em que agem.

Dotado de profunda capacidade descritivo-imagética, Fernão Lopes nos leva a entrar no mundo em que vivem seus personagens e nos impele a sentir o que eles sentiram: seus medos, angústias, alegrias e revoltas. Há ainda o realismo descritivo que ele consegue transmitir nas situações por ele descritas. Vivendo o que escreve, torna sua emoção tão forte que faz seus textos transbordar em poesia. Descreve os acontecimentos como se pintasse um quadro, até os pormenores, revelando um apurado sentido de observação. Assim, narra o episódio do traslado de Inês de Castro até o Mosteiro de Alcobaça com tal perfeccionismo, que torna-se possível visualizar o episódio como numa fotografia.

#### **4. Trovas à morte de Inês de Castro**

O desenvolvimento da vida comercial e o enriquecimento da burguesia, no período de transição da Idade Média para a época do Humanismo, acarretam mudanças formais no texto e o empobrecimento dos temas poéticos palacianos. O interesse geral volta-se para obras de assuntos práticos, como a caça, equitação ou assuntos morais e históricos. É neste último gênero que encontramos narrado por Garcia de Resende, o episódio de D. Inês, numa composição intitulada como “Trovas à Morte de Inês de Castro”, publicado no *Cancioneiro Geral*, em 1516, uma coletânea de textos líricos, lírico-narrativos e lírico-dramáticos produzidos no âmbito do paço — a chamada poesia palaciana.

Nesta obra, Garcia de Resende dá enfoque à visão de D. Inês, dando-lhe voz, de maneira que esta conta tudo o que lhe aconteceu em primeira pessoa. Isso nos leva a crer que o autor desejava dar veracidade ao que seria narrado. A poesia de tom narrativo, em momentos assume foros de gênero dramático, a fim de dar ênfase aos sentimentos das personagens.

Assim, quando no Paço de Santa Clara irrompem El-Rei e os matadores, põe-se Inês de Castro a clamar:

E quando vi que descia,  
Saí à porta da sala;  
Devinhando o que queria,  
Com grã choro e cortesia  
Lhe fiz ua triste fala.  
Meus filhos pus derredor

De mim, com grã humildade;  
Mui cortada de temos,  
Lhe disse: “ havei, Senhor,  
Desta triste, piedade!

Não possa mais a paixão  
Que o que deveis fazer;  
Metei nisso bem a mão,  
Que é de fraco coração  
Sem porquê matar mulher;  
Quanto mais a mim, que dão  
Culpa não sendo razão  
Por ser mãe dos inocentes  
Que ante vós estão presentes,  
Os quais vossa netos são.

E têm tão pouca idade  
Que, se não forem criado  
De mim, só com saudade  
E sua grã orfandade  
Morrerem deseparados.  
Olhe bem quanta crueza  
Fará nisso Vossa Alteza,  
E também, Senhor, olhai,  
Pois do príncipe sois pai,  
Não lhe deis tanta tristeza (RESENDE, 1973-1974, pp. 118-119.)

Neste texto, os diálogos de Garcia de Resende representam uma tensão, recurso estilístico comum nas cantigas de escárnio e maldizer, em que a poesia, desejando ser enfática, toma por empréstimo características do drama.

É oportuno ainda afirmar que este texto apresenta inovações, quando o autor atribui a Inês de Castro a condição de heroína, conduzindo-a a desafiar seu destino inexorável, mesmo que, ao final, tenha se curvado ao que ditava sua triste sina. Todos esses elementos pertencem e são traços inerentes da cultura clássica e medieval.

## 5. Endechas choradas a Inês de Castro

Camões trata este episódio como uma tragédia de amor em um dos episódios de seu poema épico, *Os Lusíadas*, representante do estilo Renascentista, que pretendia recriar o estilo greco-latino de compor obras consideradas de gênero máximo: o épico. A epopeia, ou poema épico é um longo poema narrativo, de estilo elevado e assunto heroico, envolvendo acontecimentos do passado, sejam eles históricos ou míticos.

Em *Os Lusíadas*, Camões dá à história de Inês de Castro tratamento literário e sua versão sobrepõe-se a todas as outras escritas antes ou depois dele.

As cenas são descritas com bastante profundidade e riqueza de detalhes, a partir de uma linguagem rica, embebida em metáforas e contrastes. Em sua narrativa, ele dá voz a um narrador que conta a história de Inês qualificando-a como “um caso triste e digno de memória”. Assim, o narrador oferece aos leitores uma descrição meticulosa de cada ato. Uma particularidade existente dentro da épica camoniana é a presença do gênero lírico.

Camões aplica seu lirismo em várias partes da narração. Nestas passagens líricas, ele mantém sua temática mais constante, a do amor. Assim, Camões critica o amor e o clama culpado pela morte de Inês.

Em um dos episódios mais admirados de *Os Lusíadas*, Camões ressalta a relevância desta história ao inspirar piedade e compaixão à Inês e seus filhos no momento em que pedem clemência ao Rei:

127

O tu, que tens de humano o gesto e o peito  
( Se de humano é matar hũa donzela,  
fraca e sem força, só por sujeito  
o coração a quem soube vencê-la),  
a estas criancinhas tem respeito,  
pois o não tens à morte escura dela;  
mova-te a piedade sua e minha,  
pois te não move a culpa que não tinha (CAMÕES, 1980, p.255)

Este episódio ressalta ainda a revolta de D. Pedro diante de sua perda, bem como a gravidade causada pela oposição entre os interesses pessoais e coletivos do episódio:

130

Queria perdoar-lhe o Rei benino,  
Movido das palavras que o magoam;  
Mas opertinaz povo e seu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito ali apregoam.  
Contra hũa dama, ó peitos carnicheiros,  
Feros vos amostrais e cavaleiros?

131

Qual contra a linda moça Polycena,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Aquiles a condena,  
Co ferro o duro Pirro se aparelha;  
Mas ela, os olhos, com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha),  
Na mísera mãe postos, que endoudece,  
Ao duro sacrifício de oferece:

132

Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, fervidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos (CAMÕES, 1980, p. 256).

Finalmente, evidencia-se o encanto lírico em que é cercada a figura de Inês, um dos grandes símbolos femininos da literatura universal, a quem Camões atribuiu persuasivo discurso:

134

Assi como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, cândida e bela,  
Sendo das mãos lacivas maltratada  
Da minina que a trouxe na capela,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está, morta, a pálida donzela,  
Secas do rosto as rosas perdida  
A branca e viva cor, co a doce vida (CAMÕES, 1980, p. 258).

A retomada das características clássicas pode ser comprovada nas referências ao espaço, como se verifica no tratamento poético dos campos de Mondego:

135

As filhas o Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E, por memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram.  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
Dos amores de Inês, que ali passaram.  
Vede que fresca fonte regra as flores,  
Que lágrimas são a água e o nome Amores (CAMÕES, 1980, p. 258).

Por outro lado, as figuras dos carrascos surgem pela primeira vez neste poema como parte integrante da história nacional.

124

Traziam-na os horríficos algozes  
Ante o Rei, já movido a piedade;  
Mas o povo, com falsas e ferozes  
Razões, à morte crua o persuade.  
Ela, com tristes e piedosas vozes,  
Saídas só da mágoa e saudade  
Do seu Príncipe filhos, que deixava,  
Que mais que a própria morte a magoava (CAMÕES, 1980, p. 251).

## 6. A *Castro*: uma tragédia clássica

A primeira tragédia clássica portuguesa não poderia ter uma temática diferente se não os amores de D. Inês, dando particular atenção ao conflito interior de D. Afonso IV, nas suas hesitações quanto à sorte que daria à amante de seu filho.

Ferreira utiliza uma estrutura clássica para contemplar um dos mais importantes fatos da história de Portugal; porém, entretete a tradição histórica com a tradição poética. Pretende uma renovação do gênero em que deixa de lado as imitações dos modelos da Antiguidade. A relevância de sua obra se dá ao conferir a seus personagens humanidade e comportamentos espontâneos de linguagem subjetiva e situações de intensa dramaticidade.

Esta tragédia trata em especial de três personagens: Inês de Castro, D. Pedro e Afonso IV. D. Pedro, no entanto, fica a maior parte do tempo fora da ação. Retomando o tea-

tro clássico, utilizam-se os confidentes para revelar os sentimentos e receios dos personagens principais. Há ainda o coro, de convenção greco-latina. No ato final, D. Pedro é informado da morte de sua amada e promete vingar-se. O poeta prefere evitar o encontro de D. Pedro com D. Inês, bem como com D. Afonso, como se não tivesse em vista o caso sentimental dos amantes. Essa multiplicidade de confidentes desagrada ao culto romântico do individualismo sentimental, mas condizem com a problemática tradicional da tragédia. O ponto crucial da peça se dá no encontro de D. Inês, que representa o direito ao amor e à vida, como um protesto da natureza e da liberdade, com Afonso IV, que encarna a razão de Estado:

REY:  
Tristes foram teus fados, Dona Inês,  
Triste ventura a tua.

CASTRO:  
Antes ditosa,  
Senhor, pois que me vejo ante teus olhos  
Em tempo tam estreito: põem-nos hora,  
Como nos outros soes, nesta coitada.  
Enche-os de piedade com justiça.  
Vens-me senhor, matar? Porque me matas?

REY:  
Teus pecados te matam: cuida nelles.  
(...)

REY:  
Ó molher forte!  
Venceste-me abrandaste-me. Eu te deixo,  
Vive, em quanto Deos quer (FERREIRA, 1991, p. 96).

Os conselheiros, por sua vez, justificam-se pela necessidade de que se faça justiça, diante da pressão exercida pelo povo ao Estado. Angustiado diante da situação, deixa o Rei a resolução da questão para seus conselheiros, retirando de si toda a responsabilidade diante da decisão tomada.

PACHECO:  
Oh Senhor, que nos matas! Qye fraqueza  
Essa he digna de ti? De hum real peito?  
Vence-te húa molher, e estranhas tanto  
Vencer assi teu filho? Que já gora  
Terá desculpa honesta: não te esqueças  
Da atenção tam fundada, que te trouxe.

REY:  
Não pode o meu espírito consentir  
E, crueza tamanha.

O conselheiro Pacheco então fala ao Rei, exigindo uma atitude radicalizada:



PACHECO:  
Mor crueza  
Fazes agora ao Reyno – agora fazes  
O que faz a pouca agora em grande fogo.  
Agora mais s'acende, arderá mais  
O fogo do teu filho. A que vieste?  
A pôr em mor perigo teu estado? (FERREIRA, 1991, p. 98).

Neste episódio, os conflitos autênticos de intensa eloquência lírica e dramática, no que tange à esperança e à expectativa do desastre, à alegria do passado e à tristeza futura, bem como à sua grandeza poética, aproveitam admiravelmente os fatos e os efeitos do coro, do mesmo modo que o ritmo dos versos, de forma a evitar habilmente o nível da prosa.

### **7. D. Constança: o olhar ferido da esposa traída**

Eugénio de Castro, apesar de iniciador do movimento Simbolista português, não se manteve sempre fiel aos princípios desse movimento. À luz da estética decadentista, Eugénio dá a “D. Constança”, com muita sensibilidade, o estatuto de heroína dramática.

Com particular interesse nos fatos históricos associados ao episódio, procura-se investigar com algum rigor também as pessoas envolvidas. O fundo sentimental do amor trágico desses amantes, que responde ao gosto do público, quer pelo fatalismo, quer pelo conflito que gerava, é nesta obra vista em segundo plano, já que o interesse está na concepção dos fatos diante dos olhos da esposa de D. Pedro, a esposa desdenhada diante de todo um reino.

Apesar de ter sido humilhada diante de toda uma nação, Eugénio descreve uma Constança lúcida e sensível, que, apesar de tudo, sofre diante da dor e sofrimento de sua amiga Inês:

Constança fita Inês, e, vendo-a agora  
Mais triste que nunca, esquece Pedro,  
Esquece a sua mágoa, o seu remorso,  
E a traição venenosa de que é vítima,  
Para só se lembrar de dar alívio  
Da sua amiga ao coração choroso (CASTRO, 2002, p. 62).

Constança, apesar de ocupar o lugar de esposa e ser muito apaixonada por D. Pedro, humildemente se dispõe a dividir o seu amor a Pedro com Inês, a quem também amava profundamente, amor este que de tão sublime não seria compreendido por simples mortais:

Porque não hei-de (diz consigo a infanta)  
Dizer-lhe que sei tudo, embora há meses  
Finja tudo ignorar? Porque não hei-de,  
Abraçando-me a ela eternamente,  
Dizer-lhe o quanto sofro, o que padeço  
Por me julgar a causa de seus males,

Confessar-lhe que a amo, como sempre  
A amei, ou mais ainda! Suplicar-lhe  
Que não me queira mal, que nos juntemos,  
Para, em celeste união, amarmos Pedro  
Com um amor que os homens não entendem,

Mas que, aos olhos de Deus, é puro e grande  
Mais que nenhum amor! (CASTRO, 2002, p. 62).

Assim, Constança se martiriza durante toda a narrativa já que falta-lhe coragem para propor a Pedro e Inês um triângulo em que reinasse apenas o amor. Aos olhos de Eugênio de Castro, D. Constança não desejava sobrepor-se ao amor de Pedro e Inês, ela só não desejava deixar de ser amada por aqueles a quem dedicava tanto amor:

O que diriam,  
Que diriam Inês e Pedro... e todos,  
Se confessasse tudo quanto sente,  
Se a Pedro e a Inês dissesse: - *Basta, basta!*  
*Não vos mortifiqueis, amai-vos ambos,*  
*Mas amai-me também, como vos amo?* (CASTRO, 2002, p. 64).

Finalmente, em seu leito de morte, antes de seu último suspiro, D. Constança humildemente entrega seu Pedro à linda Inês:

Constança vai morrer...  
— Adeus, meu Pedro!  
Co'uma sombra de voz exclama...  
E Pedro,  
Doido de comoção, branco de neve,  
Marejados de pranto os negros olhos,  
Enlaça-a febrilmente, e com soluços  
Dá-lhe um volento prolongado beijo.  
(...)

Oh! Que morte ditosa lhe deu Pedro!  
Mas eis que vê Inês...  
Oh! Não, não deve  
Para a cova levar quele beijo!

— Anda cá, minha Inês... diz co'um sorriso  
De infinita doçura; nos seus braços  
Acolhe a linda Inês, abraça-a muito,  
Dá-lhe o beijo de Pedro, e lodo exala,  
Serenamente, o último suspiro... (CASTRO, 2002, pp. 71-72).

## 8. Teorema: um episódio contemporâneo

O discurso narrativo poetizado de Herberto Helder em seu conto *Teorema*, trata-se de uma deformação do real, em que as imagens anômalas acusam a invasão da fantasia no plano material do texto. Assim, tem-se o surrealismo essencial, fruto de um modo ingênuo

da consciência a enfrentar a realidade, mesclando sons, cores e sensações de um sonho e trazendo nesse caldo toda a sua significação. O contista retoma o fato puro, ainda informe, como barro nunca tocado e o faz renascer em plena atualidade com uma força mítica ainda mais latente e ao mesmo tempo inédita. Vislumbramos então o Portugal de hoje que reencontra aquele Portugal de uma época em que as ninfas do Mondego ainda choravam a tragédia, fundindo-se e tornando-se indissolúveis.

Herberto se propõe a narrar o episódio a partir do olhar de Pero Coelho, que o faz durante sua própria execução como se estivesse em outro lugar que não no seu corpo morto. Nesta narrativa a morte redentora, a loucura “inocente e brutal”, o assassinato, justificado por Coelho como: “Senhor, — digo eu — agradeço-te a minha morte. E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso, para que teu amor se salvasse” (HELDER, 1975, p. 367).

Assim, ele justifica-se por tornar eterno o amor de D. Inês e D. Pedro. Este é apenas uma parte do intrincado jogo de paradoxos surrealistas de Herberto Helder. Nele, o Paraíso é tido como um castigo que é oferecido somente a Dona Constança: “Só a mulher do rei, D. Constança, é do céu. Pudera, com a sua insignificância, a estupidez, o perdão a todas as ofensas. Detesto a rainha” (HELDER, 1975, p. 368).

Rainha esta, que sempre esteve excluída do mito, a que só cabem as almas condenadas a essa existência eterna, a perambular por ruas, páginas e bocas por todo o sempre.

Existe ainda, neste texto, uma ruptura com a linha do espaço e do tempo, que decidem o que realmente é realidade e o que é apenas a aventura da fuga e do sonho. Elemento que o surrealismo é capaz de revelar e ocultar por meio de seu universo onírico e perturbador.

## 9. Considerações finais

A produção deste texto não tencionou esgotar a temática em questão uma vez que, sendo o episódio do amor ilícito de Inês de Castro e D. Pedro, ao lado do mito Sebastianista, um dos mais importantes fatos da história e da cultura de Portugal, existem vários trabalhos, bem como inúmeros grandes autores que discorreram sobre este assunto e que não foram citados na produção deste artigo. Assim, foram relacionados e comentados diversos textos de estilos e momentos literários distintos, a fim de ilustrar as várias e surpreendentes formas em que um mesmo episódio foi tratado ao longo dos séculos.

Superando as barreiras do espaço e do tempo, os amores de D. Pedro e D. Inês de Castro irão inspirar gerações e gerações de artistas não só em Portugal, mas em todo o mundo. Será tema de ópera na Itália, de zarzuela em Espanha, de romance e tragédia em França e crônicas no Brasil. O episódio de Inês de Castro foi imortalizado em poemas de espetacular beleza e revivido por inúmeros escritores de diversas línguas e nacionalidades. Foi ainda enaltecido em composições musicais de rara sonoridade, recriado por pintores e escultores, assim como foi fonte de inspiração para as ciências, letras e artes. Um episódio dramático que transpôs fronteiras físicas e culturais, tornando-se um mito criado à volta de

uma história de contornos lendários transmitidos a outros países e outras épocas, tornando-se atemporal.

Inês de Castro assumiu, no papel de personagem, diversas características que a remetem para autores e épocas em que os textos foram produzidos. A temática universal e atemporal do amor puro de D. Pedro, que resiste ao tempo e à morte, torna-se ainda mais admirável em função do episódio em que D. Pedro coroa Inês, já morta, ou de sua perseguição e execução sanguinária de seus carrascos.

O trágico desfecho de uma história inocente e singela em razão da mesquinhez dos interesses humanos, permite à figura de Inês de Castro resistir ao tempo podendo ser atualizada e adaptada à estética com que se pretende narrar a história.

Ao se analisar as inúmeras produções artísticas criadas ao redor da história de Inês de Castro, conclui-se que a mesma parece não ter tido uma trágica morte em vão. Se não para manter seguro o futuro de Portugal, como desejavam os seus algozes, possibilitou eternizar a representação desse sentimento tão naturalmente conservado pela cultura portuguesa, a saudade.

O processo de mitificação da comovente história de Inês de Castro nos permite redefinir os conceitos de realidade e verossimilhança, pois nos deparamos com uma matéria literária de relevância capaz de reunir todos os discursos em um só.

## 10. Referências bibliográficas

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição comentada. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CASTRO, Eugénio de. *Obras Poéticas de Eugénio de Castro*. Portugal: Campo das Letras, 2002.

DOMINGUES, Mário. *Inês de Castro na vida de D. Pedro*. 3 ed. Evocação Histórica. Lisboa: Romano Torres, 1970.

FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura Portuguesa*. n. 4, s.d. Porto: Domingos Barreira, 1971.

FERREIRA, António. *Poemas Lusitanos*. Lisboa: Livraria Sá de Costa. 2. ed. 1939.

\_\_\_\_\_. *A Castro*. Lisboa: Europa-América, 1991.

HELDER, Herberto. *O Conto Português*, in: MOISÉS, Massaud (org.). São Paulo: Cultrix, 1975.

RESENDE, Garcia de; PIMPÃO, Álvaro J. da Costa; DIAS, Aida Fernanda. *Cancioneiro Geral*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973-1974.

SANTOS, Gilda et al. *Saudade de Inês de Castro*, in: MEDEIROS, Aldina de (org.). Recife: Bagaço, 2005.

SARAIVA, António José e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Limitada, 1975.

SARAIVA, António José. *As Crônicas de Fernão Lopes*. Lisboa: Portugalia, 1969.